

REFLEXÕES GEOGRÁFICAS A PARTIR DO TRABALHO DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS NA AVENIDA BEIRA MAR – FORTALEZA/CE

(Geographical reflections from the field research: experiences on the Beira-mar avenue – Fortaleza/CE)

RESUMO

Este artigo trata da análise do trabalho de campo como linguagem educativa, com recorte espacial o percurso da avenida Beira-Mar, em Fortaleza-Ceará. Busca-se verificar a associação do debate dos conceitos-base que permeiam a ciência geográfica com a observação no trabalho de campo. Dessa modo, nessa atividade educacional tem-se a liberdade da construção do conhecimento geográfico, ressaltando a importância da atividade de campo para o geógrafo, enquanto meio de observar e compreender as dinâmicas engendradas no espaço a ser estudado, sendo recurso didático vital para a formação desse profissional.

Palavras-chave: Trabalho de campo – Beira-mar – Turismo.

ABSTRACT

This article deals with the analysis of field research education as language, spatial area with the route of the Beira-mar avenue, in Fortaleza-Ceará. Search to associate the discussion of basic concepts that underlie the geographical science with the observation in field research. In this way, this educational activity has the freedom of the construction of geographic knowledge, emphasizing the importance of field activity for the geographer, as a means to observe and understand the dynamics engendered in space to be studied, and teaching resource vital to the formation this professional.

Keywords: Field Research – Beira-mar – Tourism.

Fábio de Oliveira Matos

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Campus do Pici – Bl. 911, CEP: 60455-760.
Fortaleza (CE) – Brasil
Tel: (+55 85) 3366 9855
fabiomoria@yahoo.com.br

Me. Tiago Estevam Gonçalves

Mestre em Geografia pela UFC.
Professor do Instituto Federal de Alagoas (IFAL)
tiagoestevam1@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No conjunto das mudanças ocorridas na sociedade torna-se imprescindível que a Geografia passe a integrar o currículo com base dinâmica que impulse de fato o processo de ensino-aprendizagem, indo em direção contrária a uma abordagem repetitiva, buscando um método de ensino no qual apresente a apreensão das informações de forma ampla, contribuindo na formação do discente.

Nesse sentido os percursos geográficos apresentam-se como ferramenta mediadora no processo de ensino-aprendizagem, tendo como intuito a construção do conhecimento geográfico através de novas abordagens, confluindo teoria e prática.

Cabe apontar que os saberes geográficos mediados pelos percursos geográficos, enquanto trabalho de campo, partem a priori como momento especial para o discente, já que este pode articular uma gama de conhecimentos apreendidos em sala de aula com a observação direta dos fenômenos da sociedade e do meio ambiente.

Dessa forma, concordamos com Castellar (2010, p.7) ao afirmar que “o trabalho de campo não sintetiza apenas uma mera observação, mas um aprofundamento dos conceitos científicos”. Essa ferramenta de ensino-aprendizagem permite leituras em consonância com a realidade local, regional e nacional. Direciona assim, o aluno a um contexto social, cultural e histórico mais difuso do espaço analisado.

Nesse sentido, emerge no ambiente do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, a proposta de realização de percursos geográficos que visem à prática dos debates teóricos empreendidos em sala de aula, tendo como áreas de visitação o próprio município de Fortaleza e adjacências. Englobando todos os níveis de ensino – graduação, mestrado e doutorado – os percursos geográficos surgem como momentos de construção de conhecimentos capaz de desenvolver a observação crítica e o espírito de observação do estudante.

No âmbito dessa discussão, abordar-se-á a disciplina *Espaço, Território, Paisagem e Região* do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará. Tal artigo vislumbra pautar uma análise de teor científico, com relevâncias conceituais e empíricas das atividades de campo realizada no desenrolar da disciplina posta em questão.

Sabe-se que, o estudo sobre os novos paradigmas no ensino-aprendizagem de Geografia apresentam uma diversidade de abordagens, nesse sentido a definição dessa disciplina para o estudo vigente, mediante a atividade de campo no litoral de Fortaleza, conduzirá a uma concretude dos principais conceitos que permeiam a Geografia assim como direcionará para o entendimento desses paradigmas educativos.

O TRABALHO DE CAMPO COMO LINGUAGEM EDUCATIVA

O trabalho de campo como linguagem educativa circunscreve-se como um recurso capaz de conduzir o discente ao desenvolvimento sobre o conhecimento geográfico. Com isso, esse processo de ensino-aprendizagem, no qual o aluno entra em contato direto com o empírico favorece a construção do conhecimento do mesmo.

Para a Geografia, é o momento de integração da abstração conceitual com a dinâmica social. Na utilização de uma ferramenta como instrumento para aperfeiçoamento da aprendizagem em Geografia, concordamos com Tomita (1999) ao afirmar que se tem que levar em consideração o estudo do espaço organizado pela sociedade, tendo como principal enfoque, o entendimento da relação homem-natureza.

Disso parte a base do ensino de Geografia, no qual busca contribuir para a construção intelectual do educando a partir da observação de situações que possibilitem

o estudante teorizar e contextualizar suas significações. É a prática do desenvolvimento do pensamento produtivo, que vem de encontro com a corrente tradicional da educação que trata acerca da aprendizagem passiva, aquela em que o professor estabelece a estrutura do assunto, repassando-a para o aluno, ao qual pode tornar-se muito limitadora.

No trato da atividade de campo, tem-se como consequências mais concretas no desenvolvimento cognitivo do discente o processo de ensino-aprendizagem que permita ao educando ultrapassar a fronteira entre o aprender e o pensar, na busca pela autonomia do educando. Segundo Castoriadis (1987, p.420) “a autonomia não é a clausura, mas a abertura: abertura ontológica, possibilidade de ultrapassar o enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional que caracteriza os seres auto-constituente, porém heterônomos”.

O trabalho de campo se enquadra nesse processo de aprendizagem ativa, como uma construção que ocasionaram resultados significativos ao discente. Por isso considerou-se a aula de campo como uma linguagem metodológica de ensino-aprendizagem incentivadora e dinâmica no desenvolvimento intelectual dos discentes da Universidade Federal do Ceará na disciplina em foco.

É no conhecimento dos espaços, por meio da construção de uma experiência externa a sala de aula, através de uma fundamentação teórica, com a metodologia de trabalho de campo, que o aluno irá compreender o ambiente e os processos dinâmicos da construção do espaço, com a formação de uma percepção iniciando-se em um espaço até então indiferenciado, transformando-o em lugar à medida que se conhece, e que se dota de valor.

A resposta a esse êxito ocorre geralmente em um momento posterior, durante o cotidiano de cada um, após a construção de um senso que levará a ação e transformação do ambiente vivido, proporcionando um melhor convívio por meio da apropriação do espaço, tornando-o um lugar de interação entre os indivíduos (POL, 1996). É como afirma Lima e Assis (2005, p. 112) “Assim, o trabalho de campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”.

No primeiro momento, em sala de aula, são construídas as ferramentas para a análise empírica. Dessa forma antes de partir para o trabalho de campo tem-se o contato com a parte teórica, sendo essa, uma etapa importante, pois prepara o olhar dos alunos para a observação e análise em campo.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação do olhar. Isso porque, a partir do momento em que se sente preparado para a investigação empírica, o objeto sobre o qual se dirige o olhar foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de ver a realidade.

Daí percebe-se a importância do contato prévio com as teorias, pois esta educa o olhar, fazendo com que não ocorra apenas a observação pela observação, mas que ultrapasse o senso comum, assim, enxergar além do aparente, ou seja, buscar a essência do objeto estudado.

Para que haja uma aprendizagem significativa, é necessário que o aluno relacione o material de estudo com a estrutura de conhecimentos de que já dispõem, assim juntamente com uma predisposição ou motivação favorável para o entendimento e os esforços, isso requer uma condição essencial de aprendizagem dos conceitos que eles se relacionem com os conhecimentos prévios dos alunos (ZAMBRANO, 2000).

Nesse sentido, no intuito de contribuir para o entendimento dessa pesquisa, far-se-á em meio a discussão um paralelo entre áreas abordadas no trabalho de campo e a

fundamentação teórica, emergindo conceitos como espaço, paisagem, lugar, território e turismo.

METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO

Os procedimentos metodológicos são etapas mais concretas de investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos. Dir-se-ia até serem técnicas que, pelo uso mais abrangente, se erigiram em métodos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno no qual estão limitados a um domínio particular.

Na constituição do trabalho de campo como ferramenta educativa é essencial trabalhar com o *planejamento*. A partir dessa fase busca-se adquirir conhecimento da área a ser visitada e a elaboração de estratégias metodológicas afim de associar a teoria que pretende-se abordar com a prática presenciada, transformando um ambiente de aparente uso cotidiano numa situação nova e atrativa para os que participantes dessa atividade.

No caso da atividade em análise, os passos do planejamento foram iniciados a partir de um projeto, ou seja, o plano que seguiríamos para efetivação da aula de campo. Do ponto de vista dessa modalidade educativa, o projeto, conforme Silva (2005) é a parte menor do planejamento que será executado.

Nessa perspectiva, no planejamento do trabalho de campo é preciso descrever o percurso, duração, pontos a serem visitados, temas a serem abordados. Esse preparo pré-campo é, segundo Lima e Assis (2005, p. 112), uma etapa fundamental para o sucesso da atividade, no correspondente ao alcance dos objetivos traçados. Na atividade de campo em foco, foram utilizadas como ferramentas recursos como fotografias antigas do ambiente litorâneo fortalezense, bem como cartogramas, imagens aéreas, entre outros. Nesse preparo pré-campo, ocorreu também a realização de seminários acerca dos conceitos-base da ciência geográfica, no qual foram abordados pelos discentes a compreensão tida até então acerca desses conceitos e a aplicabilidade em suas pesquisas.

No que tange a escolha do roteiro da aula de campo utiliza-se como critério um recorte espacial na cidade de Fortaleza, pela facilidade de deslocamento, como também pela diversidade de análises que poderiam ocorrer na avenida Beira-Mar, permitindo uma visão geral do litoral e das transformações do uso e ocupação a partir da análise da atividade turística (ver Figura 1). Este recorte possibilitaria a emergência do debate entorno da valorização dos espaços litorâneos e os conceitos-chave selecionados previamente, notadamente espaço, região, território, lugar e paisagem.

ATIVIDADE EM PRÁTICA: PERCURSOS GEOGRÁFICOS NO LITORAL FORTALEZENSE

Sabe-se que Fortaleza tendo como a atração paisagística de suas praias como lema central no discurso do Estado da atualidade, é um dos maiores redutos à visitação turística do país nesse início de século XXI. A produção dos espaços litorâneos vem a ter na atualidade uma relação direta com o discurso do modelo de turismo concebido no país que, ao priorizar esses espaços, contribui para o seu adensamento, resultando na expansão do urbano e em uma conseqüente valorização do uso do solo litorâneo.

Dessa forma, a ideologia do turismo é internamente assumida pelo Estado, que passa a dividir com as organizações privadas (agência de viagens, rede hoteleira, grupos imobiliários) o compromisso de comercializá-lo.

O modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. A política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientem o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada. Na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares. (CRUZ, 2000, p. 09)

Nesse contexto, nos últimos vinte anos, o litoral de Fortaleza vem passando por intensas políticas de estruturação urbana, como a construção dos calçadões que permeiam o bairro do Meireles e Praia de Iracema, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, entre outros. No sentido de dotá-la com um conjunto de equipamentos que contribuam para sua efetivação como polo turístico.

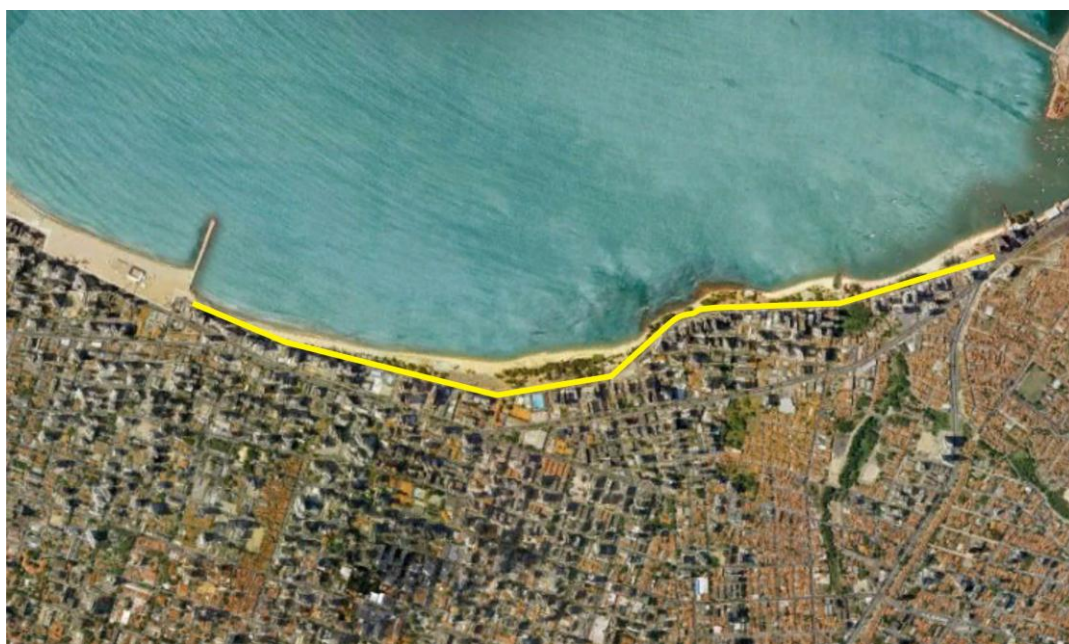


Figura 1 - Percurso da atividade de campo (em destaque Av. Beira-Mar).

Fonte: Google Earth

DEFININDO O CAMINHAR PELO LITORAL

A aula de campo, embora seja uma discussão que transcende os limites da área recortada, foi realizada na avenida Beira-Mar, partindo de um hotel nas imediações do Mercado do Peixe, na praia do Meireles, indo até o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Iniciou-se o trabalho de campo na sacada do Hotel Iate, de onde a priori foi possível observar a estrutura hoteleira da cidade.

Tendo uma visão panorâmica do alto do hotel Iate Plaza foi possível tecer uma compreensão geral do espaço pelo qual seria percorrido. Porção do litoral vislumbrado pela especulação imobiliária e pelo lazer associado evidentemente ao turismo, a análise espacial daquela porção da cidade refere-se, como nos lembra Carlos (1999, p. 19):

[...] Ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam num território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço, enquanto prática sócio-espacial.

O conceito de espaço passa, portanto pela área que pode ser vivida, experimentada, sentida por um indivíduo ou por uma coletividade. O espaço é, por isso,

marcado pela afetividade (CORRÊA, 1995). Para Soja (1993, p. 25) é importante destacar a heterogeneidade do espaço:

O espaço em que vivemos, que nos retira de nós mesmos, no qual ocorre o desgaste de nossa vida, nossa época e nossa história, o espaço que nos dilacera e corrói, é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, não vivemos numa espécie de vazio dentro do qual possamos situar indivíduos e coisas. Não vivemos num vazio passível de ser colorido por matizes variados de luz, mas num conjunto de relações que delinea localizações irredutíveis umas às outras e absolutamente não superponíveis entre si.

Sobre essa heterogeneidade, a partir da visão do alto do hotel, foi possível também notar que há ocupação irregular na área de dunas, além do aglomerado de prédios que permeiam aquela parte do litoral fortalezense. Esse espaço litorâneo valorizado, onde cada metro quadrado é tomado por prédios e equipamentos turísticos, reflete o que seria observado no decorrer do trabalho de campo, com o espaço litorâneo sendo ocupado de modo descomedido.

O turismo usa e se apropria dos ambientes naturais e produzidos pelo trabalho para transformá-lo em espaço de lazer e consumo, gerando impactos positivos e negativos, que podem ser discutidos como uma questão de (in) sustentabilidade social e ambiental. (CORIOLANO, p.175, 2005)

Saindo do referido hotel, demos início a caminhada no calçadão da Avenida Beira-mar. Sendo o primeiro calçadão do litoral de Fortaleza, cuja construção data de 1963, tornou-se o principal equipamento urbano da área direcionado para a atração turística, valorizando o bairro do Meireles e atraindo as classes abastadas.

A construção da avenida Beira-Mar, prevista no Plano Diretor de Fortaleza da década de 1960, constituía uma decisão oficial contra a hegemonia urbana da Praça do Ferreira, até então o principal polo de lazer da cidade, e o fim da estrutura urbana monocêntrica polarizada pelo núcleo central. “É quando os conflitos entre os distintos agentes sociais produtores e consumidores do espaço urbano vão se intensificar na orla marítima” (ROCHA JÚNIOR, 2000, p. 90), inserindo aquela porção do espaço num dos principais pontos de encontro de Fortaleza, em detrimento do Centro.

O primeiro ponto de parada no calçadão foi o Mercado do Peixe, próximo ao Hotel Iate. Com a reforma no final dos anos 1990 objetivando a higienização daquela área, o mercado apresenta-se hoje como principal reduto para a venda do peixe no litoral fortalezense. No debate do trabalho de campo, foi destacado pelo professor José da Silva a busca do mercado imobiliário em retirar de suas proximidades o tradicional Mercado dos pescadores do Mucuripe, devido o interesse estético na paisagem adjacente, que não condizia mais com a nova vizinhança.

Paisagem essa artificial, transformada pela ação do homem. Sobre a definição de paisagem, Santos (1996) a distingue sob dois aspectos: a artificial e a natural. Esta última, segundo ele – e como foi visto no trabalho de campo – é praticamente inexistente, pois o mesmo se não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas (SANTOS, 1996, p. 64).

Mais adiante, especificamente em frente à Agência dos Correios da Beira-Mar, foi possível observar a diferenciação do uso do referido calçadão, surgindo pontualmente territórios ocupados por pescadores. Se anteriormente observávamos o ordenamento imposto aos vendedores no Mercado de Peixe do Meireles, agora observávamos a venda do peixe no seu aspecto mais rudimentar, com o tratamento e a venda do pescado na ambiência da paisagem turística.

Nesse sentido, lembramo-nos de Bozzano (2000, p. 29), ao afirmar que o território não é a natureza e nem a sociedade, “não é a articulação entre ambos; mas é natureza, sociedade e articulação juntas. Neste cenário, cada processo adotará uma espacialidade particular”. Segundo esse autor há que se considerar a superposição de temporalidades e espacialidades num dado território: “em um mesmo território, em uma cidade ou em uma região, podemos ler e identificar tempos geológicos, meteorológicos, hidrológicos, biológicos, sociais, políticos, psicológicos, econômicos, cada um com seus ritmos, suas durações” (BOZZANO, 2000, p. 37).

O TURISMO NA CAPITAL CEARENSE: TRANSFORMAÇÕES NO USO E OCUPAÇÃO DA BEIRA-MAR

O litoral passa por uma transformação em termos de uso e ocupação. O cientista que se arrisca em analisá-lo deve o compreender como um espaço dividido e de conflitos. O olhar do geógrafo deve observar o discurso travado na produção desse espaço. A esse respeito, Silva (2006, p. 50) acrescenta que:

O conflito por uma terra de aparência inóspita está instaurado. Montes de areia são reclamados. Para os pescadores, marisqueiras e bordadeiras, a terra é uma questão fundante, para a garantia de seu cotidiano. As comunidades do litoral, historicamente constituídas reclamam pela permanência de suas atividades de trabalho, de suas crenças e tradições, pelo significado e sentido de suas vidas simples. Quando possível, demarcam seus territórios e reagem. Lutam evitando a migração compulsória imposta pela pressão dos grandes grupos corporativos que modificam o tipo de uso daquela faixa do estado. Os sujeitos reclamantes, o pescador e seus companheiros são os beneficiários imediatos da demanda. O território é condição de produção e reprodução de sua vida, é a garantia da manutenção de seus vínculos afetivos com o lugar, de preservação de seus traços identitários.

A igreja de São Pedro (padroeiro do pescador) - localizado na praia do Meireles - sendo espremida por grandes e/ou sofisticadas construções, denota quem está dominando neste cenário, numa disputa desigual. Tal situação pode ser compreendida pelo “apelo apaziguador por uma imagem (quase sem imaginação) dos componentes do espaço turístico como equipamentos forjados no ‘belo’ (a praia, o hotel, o show, o monumento, o calçadão etc.) ou no ‘simples’ (a padronização do turista em um tipo ideal de extraterrestre)” (OLIVEIRA, 2006, p.155).

Portanto, pensar os diversificados territórios observados no trabalho de campo não é simplesmente ver o atributo da terra, mas à sua apropriação. Assim, a apropriação de um dado segmento do espaço pode ocorrer de forma efetiva e legitimada por parte das instituições ou grupos e, também através de práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. “O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas”. (CORRÊA, 1998, p. 251)

Sobre a apropriação daquela porção do litoral podemos afirmar, portanto, que a avenida Beira-Mar é na atualidade um dos importantes pontos turísticos da cidade. Sendo um dos principais corredores de animação de Fortaleza, aquele espaço oferece belo conjunto visual, formado pelo calçadão, barracas, bares, coqueiros e os prédios da orla. No final da tarde e à noite, transforma-se em ponto de *cooper*, ciclismo, manifestações culturais, compras na feira de artesanato e passeios informais. Quadras de esportes, pistas de skate, patinação e anfiteatro para shows ao ar livre, próximos à Volta da Jurema atraem transeuntes e proporcionam uma complexa dinâmica na área. Nessa

mesma ambiência encontram-se também ocupações de população de baixa renda econômica, situados nos altos de dunas, como por exemplo, o morro Santa Terezinha.

Assim, percebe-se na Avenida Beira-Mar de que esta vem acompanhar a ordem urbana de segregação na cidade, que longe de ser um processo recente, é possível de ser percebida ao longo do processo histórico de formação dos espaços urbanos da capital cearense. Tornando aquela área de alto valor imobiliário em Fortaleza, percebe-se com essa mudança de valores que a praia passa a se estruturar com uma segmentação das atividades no calçadão, com a barreira de prédios que secciona o espaço. A zona costeira passa de local de moradia dos pescadores para o local de lazer da elite.

Porém, nota-se com a permanência dos pescadores a associação desses atores com a praia enquanto lugar. Isto nos faz atentar para o caráter imensurável dessa categoria para a ciência geográfica. O lugar não se delimita e não se explica pela sua localização geográfica, ele pode ser a casa, a rua, a região. O que importa é o grau de identidade entre pessoas/grupos e o lugar a que se referam (MAIA, 2002). Isso significa que o lugar não pode ser analisado como um espaço passivo e com a existência em si mesmo, é preciso considerá-lo globalmente ativo, pois é através do lugar que enxergamos o mundo. “o mundo, nas condições atuais, visto como um todo é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência” (SANTOS, 1996, p. 55). Assim, pensar o lugar é pensar a história particular se realizando em função de uma cultura, tradição, língua, hábitos que lhe são próprios, com o que vem de fora, isto é, tudo aquilo que vai se impondo como consequência do processo de construção do global (CARLOS, 1996).

No decorrer do trabalho de campo notou-se o peso do turismo na estruturação do litoral. O turismo torna-se peça chave enquanto nas modificações demográficas e ocupacionais, assim como na mudança organizacional do espaço urbano daquela parte de Fortaleza. Se antes era a faixa de praia que dava sentido ao lugar, hoje esse papel passa a ser desempenhado pelo calçadão.

Desse modo, o calçadão emerge como o palco do ver e ser visto. Em alguns pontos sendo mais extenso que a própria faixa de praia, o calçadão vem caracterizar-se como ponto de encontro da classe alta da cidade. É o território da abstração por excelência, com as mercadorias mediando às relações entre os turistas e ambiente litorâneo. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p. 13). Nesse sentido, turistas ansiosos circulam no calçadão em busca do melhor ângulo para o registro da paisagem, enquanto ambulantes promovem a venda da paisagem marítima nos seus quadros, amuletos, desenhos e representações.

Nota-se a privatização do espaço público: o calçadão é ocupado por barraqueiros por quase toda sua extensão. Eles vão buscar dar suas próprias características, procurando diversificar suas estruturas mediante temas, intensificando gradativamente o paisagismo proposto para a referida praia, com a inserção de elementos artificiais para a diversificação das barracas.

Outro ponto percorrido pela trilha foi o calçadão da Praia de Iracema. Construído na década de 1980, o referido foi edificado com a proposta de revalorizar esse trecho de praia, pois anos antes teve suas edificações destruídas pelo avanço do mar. Essa ação erosiva, fruto da transferência das atividades portuárias da Praia de Iracema para o Mucuripe. Percorrendo esse trecho litorâneo, observa-se o notável desinteresse com o paisagismo na orla da Praia de Iracema, no qual foi possível encontrar até mesmo um dos principais ícones de Fortaleza, a estátua de Iracema, destruída.

O último ponto de visitação do trabalho de campo foi o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), localizado nas proximidades da Praia de Iracema Construído em 1999, objetivando também a requalificação daquele espaço, os mais de trinta mil metros quadrados desse centro de cultura é constituído de uma série de equipamentos voltados para a promoção da arte e cultura cearense.

O CDMAC, elaborado objetivando ser mais um marco no litoral de Fortaleza, vem configurar-se no espaço da Praia de Iracema como um equipamento direcionado principalmente ao público turístico, termina por definir-se como um espaço exterior à cidade. Toda a estrutura desse centro de cultura está disponível apenas para os turistas e residentes que podem pagar. A cultura que é oferecida no centro cultural é apenas mais uma mercadoria a ser contemplada e consumida.

Assim como ocorrera em algumas cidades litorâneas brasileiras, a ocupação de Fortaleza deu-se desprivilegiando a paisagem marítima. Tal situação é notável ao observarmos os antigos prédios que se encontram próximos ao CDMAC, direcionados de costas para o mar. Para Rocha Júnior (1984) o desinteresse dado pela zona costeira fortalezense era tão marcante que os serviços mais insalubres eram ali instalados: o velho Paiol da Pólvora, por muitos esteve localizado nas intermediações da Praia de Iracema; o Gasômetro, dos tempos da iluminação a gás, ampla câmara situada entre as ruas Amélia (atual Senador Pompeu) e Formosa (atual Barão do Rio Branco); na encosta que separava a Santa Casa de Misericórdia do mar, a descida da rua era conhecida como rampa, pois ali era depositado até o final do século XIX o lixo da cidade.

Nas proximidades do centro cultural observou-se a dinâmica existente no Arraial Moura Brasil. Localizada entre a zona portuária da Praia de Iracema e o Centro da cidade, esta área é formada basicamente por uma população de baixa renda, tendo sido a primeira favela da cidade. Essa população, migrante do sertão, passou a aglomerar-se nos terrenos de marinha a partir do final do século XVIII, época que a faixa de praia não despertava qualquer interesse tanto do ponto de vista econômico quanto social, ocasionando assim o processo de ocupação daquele espaço, desprovido de infraestrutura e sem perspectivas de desenvolvimento social.

A relação da população do Arraial com o espaço litorâneo vem apresentar-se de modo diferencial. Tentavam eles reproduzir naquela porção da cidade seu cotidiano do campo, “nos seus quintais ou mesmos nas ruas, mantendo hortas, fruteiras, criação de pequenos animais com porcos e galinhas pelos arredores da cidade”. (COSTA, 1999, p. 55). O sertanejo trazia consigo seu modo de vida e o representava no espaço da cidade, entretanto em colisão com o estilo de vida urbano.

Na atualidade, a Praia de Iracema apresenta-se como polo de equipamentos paisagísticos e de lazer da cidade, como a Ponte dos Ingleses, o Estoril, além do já referido Centro Dragão do Mar. A instalação destes equipamentos que hoje redesenham a Praia de Iracema objetiva a mutação do conteúdo social e econômico da área, enquadrando-se na perspectiva de um projeto que pretende articular turismo, renovação urbana e política cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa prática educativa mais dinâmica possibilita ao aluno dar significados, ou melhor, compreender de maneira mais ampla o que está sendo ensinado. O trabalho de campo envolve uma gama de construções intelectuais, que partindo de situações rotineiras, do senso comum, pode concretizar-se mediante a análise da cidade.

A educação geográfica a partir dos percursos urbanos contribui para que o aluno entenda a ação social e cultural, e a dinâmica urbana, estrutura, forma e função do espaço; centro e periferia; eixo de transportes; polos econômicos dentre outros aspectos.

Os percursos geográficos, realizados com base no referencial teórico-metodológico da ciência geográfica, se constituem em uma metodologia essencial para a compreensão das formas, funções e processos do espaço urbano em diferentes momentos históricos e contextos sociais, políticos e econômicos.

Os discentes passam a ampliar seu entendimento nas dimensões: cultural, histórica, econômica da cidade. Assim compreendem as diferenças dos lugares, as interações entre sociedade e natureza em que se espalham nos contornos espaciais da cidade. O espaço urbano, mais especificamente o recorte espacial abordado nessa pesquisa, absorve as contradições no que tange aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e das técnicas, o que implica, nas alterações no comportamento e na cultura urbana.

Neste contexto, o espaço urbano tem destaque, pois nele ocorre aglomeração das atividades do homem sobre o espaço. De acordo com Corrêa (2001, p.145) o espaço urbano permeia as relações sociais além de configurarem o espaço em um campo de lutas e um conjunto de símbolos, configurando-o em fragmento, reflexo e condicionante social. Fazer da cidade e conseqüentemente do espaço urbano um objeto de educação geográfica significa analisar e aplicar uma ação educativa que supera a mera superficialidade conceitual, percebendo o mundo das relações existentes entre a imagem e fala. Concatenando o saber escolarizado e o saber que o aluno formula a partir da sua vivência, dos seus valores e cultura.

Nesse sentido, no estudo sobre a avenida Beira-Mar, tem-se o dever de ofício dentre outras atribuições e reflexão a compreensão de produção e organização do espaço urbano, explicando a complexidade da distribuição das pessoas, objetos e atividades no território. A partir da atividade de campo é possível buscar compreender, da melhor forma possível, o modo de disposição dos fixos e fluxos, tudo isso que move o mundo das pessoas, ou seja, tudo o que é animado pela vida social (SILVA 1997).

Por isso, é importante ressaltar a importância que a atividade de campo tem para o trabalho do geógrafo, enquanto meio de observar e compreender as dinâmicas engendradas no espaço a ser estudado, sendo recurso didático vital para a formação desse profissional.

Com o trabalho de campo foi possível observar, a partir da estrutura daquela parte do litoral de Fortaleza, o próprio cenário da cidade de Fortaleza. A descomida utilização da praia por qual vem passar a cidade na atualidade, tanto como área de lazer – com a “invenção” de novas tradições –, como na intensificação dessa mesma área para a indústria do turismo, firma esse espaço em palco de novos conflitos, fruto de uma espacialidade segregada, além da mudança do ambiente outrora natural: rios e dunas engolidos por construções, num misto do novo e velho, de tradição e modernidade, de litoral e sertão presente na cidade em várias manifestações de sua pujança urbana (SILVA, 2006). A prática da atividade de campo em momento algum se esgota. Este percurso, engendrado numa disciplina de um programa de pós-graduação é o retrato que tal atividade possibilita um vasto campo de debate independente do nível de formação do discente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOZZANO, Horacio. **Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles**. Buenos Aires, Espacio Editorial: 2000.

- CARLOS, Ana Fani A. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARLOS, Ana Fani A. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CASTORIADIS, Cornélius. **As encruzilhadas do Labirinto I**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CASTORIADIS, Cornélius. **As encruzilhadas do Labirinto II**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **A teoria construtivista: o construir a Geografia**. In: Boletim Gaúcho de Geografia, n°.19, AGB, Porto Alegre, 1992.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.
- CORIOLOANO, Luzia Neide. **Turismo de Inclusão**. Fortaleza, FUNECE, 2007.
- CORIOLOANO, Luzia Neide. A exclusão e a inclusão social e o turismo. **Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**. v. 3, n. 2, 2005.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Ina Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA, R.L.. Territorialidade e corporação um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura.(orgs) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2001.
- COSTA, M. C. L. Urbanização da Sociedade Cearense. In: DAMIANI, A. L. (org). **O Espaço no Fim do Século: a nova realidade**. Contexto: São Paulo, 1999.
- CRUZ, Rita de Cássia. O Nordeste que o turismo(ta) não vê. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 210-218.
- CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.
- DANTAS, E. W. C. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**. Sobral: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.
- MAIA, Rosemere Santos. **Shopping center: o afrouxamento da promessa de assepsia e o lugar da pobreza nos templos de consumo das cidades contemporâneas** (Tese de Doutorado), Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- OLIVEIRA, C. D. M A complexidade territorial do turismo: atores, cenários e relacionamentos. In: SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; ELIAS, Denise. (org.) **Panorama da Geografia brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006.
- POL, E. La Apropiación del Espacio. In: **Cognición, representación y Apropiación del Espacio**. Barcelona: Monografies Sòcio/ambientais, 1996.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. **O Turismo Globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza: Arquitetura e estetização na Praia de Iracema**. (Dissertação de Mestrado). Prodeima-UFC: Fortaleza, 2000.

- ROCHA JÚNIOR, Antônio Martins da. **O mar e a expansão urbana de Fortaleza.** 1984. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, 1984.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo - razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (org.). **A cidade e o urbano.** Fortaleza: EUFC, 1997.
- SILVA, J. B. Fortaleza, a metrópole sertaneja do litoral. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ZANELLA, Maria Elisa; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. (org). **Litoral e Sertão:** natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão gráfica, 2006.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TOMITA. Luiza M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia**, Londrina, v.8, n.1, p.13-15. jan/jun, 1999.
- ZAMBRANO, Maryorie Alejandra Sánchez. Construindo Conceitos, Aplicando Procedimentos e Estimulando Atitudes no Campo. **As enchentes ocorridas em 1999 no Estado Vargas, Venezuela, dentro de uma proposta metodológica.** (Dissertação de Mestrado). Unicamp: São Paulo, 2000.

Trabalho enviado em Abril de 2011

Trabalho aceito em Junho de 2011